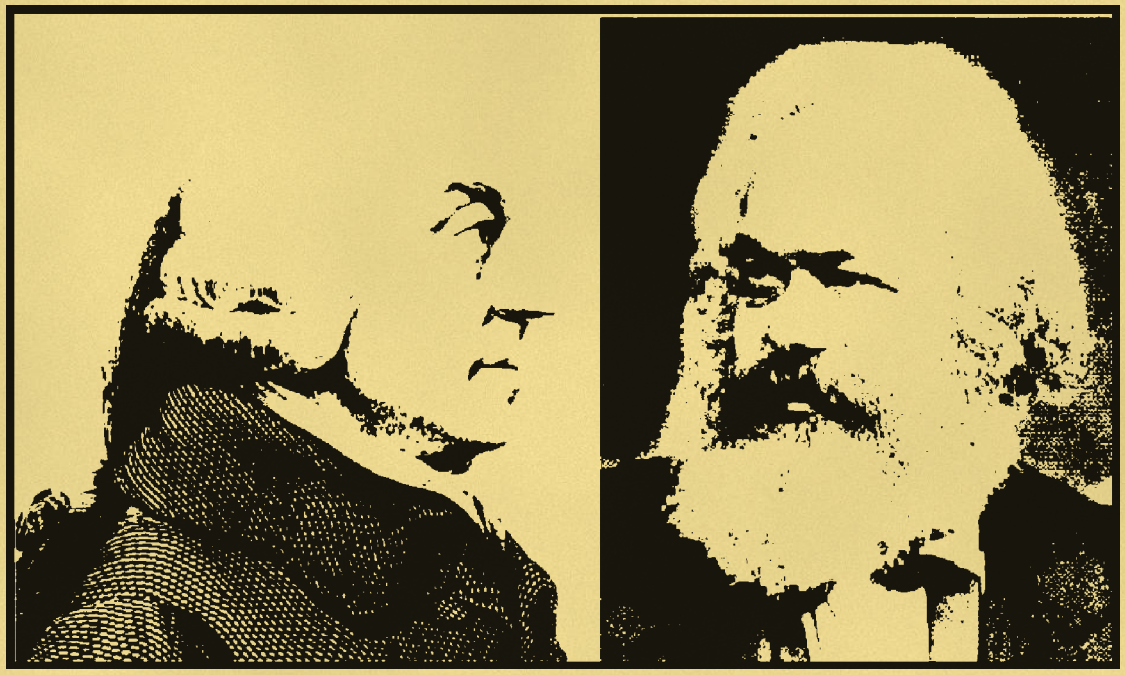
LITERATURA DE CORDEL

LEANDRO GOMES DE BARROS

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

Leandro Gomes de Barros,
disse José Gomes Pinto,
tem nome metricamente
estruturado, pressinto,
como predestinação:
Rei do Cordel, puro instinto.

Em passado mais remoto
disse Câmara Cascudo:
Versejador popular,
um cordelista *raçudo*,
foi além da sua verve.
Ele fazia de tudo.

Sua obra literária
produziu e editou,
seus folhetos escreveu
e também os publicou,
distribuiu e vendeu,
pelo Brasil espalhou.

Com sua tipografia
editou outros autores,
foi maciça inspiração
para muitos cantadores,
mas também foi plagiado
por uns aproveitadores.

Foi também prestigiado
por autores de respeito:
Ariano Suassuna,
no seu *Auto* deu-lhe preito,
Drummond em setenta e seis
negou Bilac, a despeito.

Para ele, dos poetas,
o Príncipe verdadeiro

era Barros, sertanejo.
Não o Bilac, faceiro,
erudito e burguês,
mas o Leandro brejeiro.

Fechando sua entrevista
Drummond diz, inteligente:
“não foi *Príncipe* do asfalto,
foi um *Rei* popularmente,
da poesia do sertão
e do Brasil, plenamente!”

Viveu da sua poesia
popular, assim chamada,
inventava desafios,
pelejas eram cantadas,
por repentistas, cantores.
Flamejante sua fornada.

No seu sesquicentenário
há pouco tempo ocorrido,
me dediquei com denodo
escrever um aguerrido
desafio, como homenagem,
em sextilha, produzido.

Como historiador
optei por abordar
tema bem contemporâneo,
encontro peculiar
entre ideologias,
que tentarei explicar.

Como os participantes
de cada uma corrente,
escolhi representante
com a corrente, condizente:

Direita, Capitalista,
Adam Smith diz presente.

No lado opositor,
Esquerda, Socialista,
o barbudo imponente,
com seu *Capital* à vista:
Marx, assessorado
por Engels, idealista.

O local para a peleja,
como espíritos, que são
foi o *astral* do Brasil,
onde a corrupção
irrompe, vai corroendo
como a lava do vulcão.

Marx quis se aproveitar:
- É problema nacional,
mas Smith retrucou:
- Foi a Internacional,
teu ideal marxista.
Tua tese, *O Capital*.

Marx, claro, replica:
- escrevi a minha tese
contra aquela exploração
capitalista, sem greve.
Vocês se apropriaram
até do ganho mais leve.

Adam Smith, novamente:
- Pra ti, a Democracia
tida como essencial,
era apenas teoria,
pois defendias então
Proletária tirania.

Marx, como um leão,
ruge, chega a assustar:
- O capitalismo quer
tão somente se apossar
da riqueza produzida
e o trabalho ignorar.

- Não remunera de modo
decente seu operário,
a mais-valia estimula
revolta no Proletário.
Por isso é que pregamos:
Liberalismo é precário!

Smith, sem perder tempo,
sem deixar o tom baixar,
replica afirmadamente:
- Capitalismo é ímpar,
produz progresso, riqueza
e liberdade sem par.

- O socialismo corrói,
não produz o necessário,
a liberdade destrói.
Na teoria é gregário.
na prática, entretanto,
nem é mesmo libertário!

Com o clima se exaltando
cada um puxando a *brasa*
para o *seu peixe assar*
pedimos pequena pausa
pra remontar ao início,
evitando algazarra.

Os nossos debatedores

nesse embate virtual
abordarão os conceitos
históricos, afinal
o Brasil será revisto
pelos dois, por desigual.

Nessa discussão agora,
Marx afirma então
de modo particular,
a Esquerda, de plantão:
- ela é socialista,
sempre plena de razão.

De outro lado, entretanto,
diz Smith otimista:
- a Direita é liberdade,
de cunho capitalista,
quer tudo privatizado.
Ela é liberalista.

- diferente da esquerda,
Socialista, então,
que defende o estatismo
completo, sem opção.
Quem definirá o embate?
O eleitor, de plantão.

Marx informa então:
- A Revolução Francesa
foi quem trouxe a inspiração
para os dois termos, largueza:
Esquerda, Jacobinista,
bem radical, com certeza.

- Esquerda, por ocupar
a esquerda da Assembleia
e sempre se exaltarem

para atrair a plateia.
A Direita, moderada,
conservadora alcateia,

ocupava a direita
da Assembleia: Girondinos.
Smith concorda então:
- Imaturos Jacobinos,
foram bem precipitados,
redigiram seus destinos.

- No Brasil, diz Adam Smith,
também tinha divisão
ideológica frágil
que anulou a atuação
dos *Luzias-Liberais*,
trocando o pé pela mão.

- Os culpados, Marx diz:
Saquaremas, de plantão,
Conservadores, que sempre
lideraram a nação.
Mas concordo, os Liberais
se equipararam então.

- Luzias, Smith, informa:
geraram o Liberal,
emergido no momento
político imperial,
a ideologia de ambos
não era bem desigual.

Os Liberais, fala Marx:
- buscavam a autonomia.
Escravidão, encerrada?
Pra ambos uma utopia!
No poder usam e abusam

da máquina, com orgia.

Diz Smith, os Saquaremas:
- formaram o Conservador,
da grande burocracia,
do escravista senhor,
defendia um estado forte,
centralizado e tutor.

- Os Conservadores foram
contra o *Ato Adicional*
pelo viés progressista,
do Partido Liberal.
Com o final da Regência
ele ascendeu, triunfal.

- Podemos, declara Marx
demonstrar com precisão,
traços que evidenciam
os partidos de plantão
de hoje e do passado,
Direita e Esquerda, então.

- A Esquerda, diz Smith,
quer um estado total.
Isso é socialismo.
A Direita é liberal.
quer um Estado pequeno,
capitalista, afinal.

- Veja bem, amigo Marx,
diz um Smith cortês,
no Brasil, modernamente
não se sabe a cor da *tez*.
Até o golpe militar
se conhecia o *freguês*.

- é impossível, diz ainda,
negar tal afirmação,
pois os partidos parecem
do mesmo prato, *pirão*.
Esquerda e Direita tem
mesmas cor e atuação.

- Até o PT, progressista,
diz um Marx, frustrado,
meteu os pés pelas mãos,
destruiu o seu legado,
por motivos hoje claros
governou *endireitado*.

O que quis nesse debate
foi demonstrar o ditado
que grassava no Império
e ficou como legado:
"Nada é mais *Saquarema*
que um *Luzia* no Estado."



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013